

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniel Elizeu de Souza Fagundes

EXPERIMENTANDO OS FATORES EXPRESSIVOS DE LABAN EM AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA TURMA 12MNO NA ESCOLA JÚLIO DE CASTILHOS.

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniel Elizeu de Souza Fagundes

EXPERIMENTANDO OS FATORES DE MOVIMENTO DE LABAN EM AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA TURMA 12MNO NA ESCOLA JÚLIO DE CASTILHOS.

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade de Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientadora: Prof. Ms. Carla Vendramin

Porto Alegre

2015

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata de uma pesquisa realizada na escola Júlio de Castilhos sobre a introdução de um conteúdo de dança nas aulas de educação física na turma 12MNO, formada por meninas entre 15 e 18 anos de idade. A escolha em adicionar uma unidade de dança no plano de ensino da turma estava de acordo com os objetivos do primeiro semestre para a área das linguagens da escola. Foram trabalhados os Fatores Expressivos do Sistema Laban-Bartenieff através da realização de seis módulos que abrangeram momentos de exposição, prática, reflexão e desenvolvimento desse conteúdo. Os referenciais de Isabel Marques e Denise Grosso da Fonseca sobre abordagens e métodos de ensino, contribuíram significativamente para a análise do processo ocorrido na turma. Nesse trabalho, discuto considerações a respeito da inserção do conteúdo dos Fatores Expressivos encontrados na dança, como unidade do plano de ensino, e como análise do andamento da turma com a qual realizei o estágio.

Palavras-chave: Sistema Laban-Bartenieff; Fatores expressivos de movimento; Dança no contexto; Estágio Docente em Educação Física; Ensino médio.

ABSTRACT

The current research is about the inclusion of a dance lessons on physical education's classes of Julio de Castilhos School, with girls between 15 and 18 years old. The choice of adding a dance unit in the class teaching plan was in line with the objectives of the first semester for the area of school languages. The Expressive Factors of Laban-Bartenieff System was developed by six modules, covering moments of exposure, practice and reflection of this content. The texts of Isabel Marques and Denise Grosso da Fonseca about teaching methods, significantly contributed to the analysis of the process occurred in the class. In this paper, I discuss considerations regarding the inclusion of the contents of Expressive Factors found in the dance, as unity of teaching plan, and how to review the progress of the class with which realized the research.

Keywords: Laban-Bartenieff System; Expressive factors of movement; Dance in context.

À Clarice Alves Fagundes dedico esse trabalho; cuja presença e apoio durante minha caminhada, incentivaram-me a superar todas as pedras que pudessem surgir.

Acima de tudo, agradeço a Deus por permitir que eu concretizasse meus sonhos; e meus pais e irmãos por me darem força durante essa busca por realização.

Sou grato as minhas amigas Sara Leite, Paula Menezes, Jordana Pires, Diésse Rodrigues, Caroline Azevedo, Priscila Limas e Brenda Santos por me darem palavras de coragem quando precisei e por iluminar meus dias tristes.

A Thomas Koelln quero agradecer por suportar meus defeitos, tolerar meus humores e, principalmente, por me entender.

Obrigado a todos vocês.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”
Paulo Freire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	9
3 PROCESSOS METODOLÓGICOS	17
3.1 PROBLEMA	17
3.2 MÉTODO.....	17
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES	18
3.4 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES.....	18
3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	18
4 ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, AULAS E LABAN	20
4.1 INTRODUÇÃO E EXPOSIÇÃO.....	22
4.2 EXPERIMENTAÇÃO EM DANÇA E MOVIMENTO	26
4.3 ASSOCIAÇÃO E AVALIAÇÃO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 APÊNDICES.....	36
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

No decorrer do curso de Licenciatura em Educação Física, tive a oportunidade de cursar algumas disciplinas específicas do curso de Licenciatura em Dança. Essas disciplinas desenvolveram em mim um olhar sensível e criativo sobre a dança na escola, que pude desenvolver através da educação física. Além da participação como discente, tive experiência como participante do grupo de extensão Diversos Corpos Dançantes do Curso de Licenciatura em Dança, coordenado pela professora Carla Vendramin. Dentro dessas diversas aproximações com a dança conheci o Sistema Laban-Bartenieff e, em especial, os fatores de expressão.

O estágio docente em educação física trouxe uma ótima oportunidade para desenvolver o conhecimento que adquiri ao longo do curso. Introduzi os fatores de expressão de Laban na unidade do plano de ensino do estágio, na busca de tornar essa experiência cada vez mais enriquecedora. Assim, também pude proporcionar às alunas experiências corporais variadas, que fugiram dos conteúdos mais comuns à educação física.

Através do estudo dos Fatores Expressivos de Rudolf Laban, encontrei um meio de planejar aulas as quais a experimentação ajudou a construir o suporte para o entendimento do corpo e do movimento, tanto na dança, no esporte ou na vida cotidiana. Portanto, a finalidade desse trabalho foi de estimular que os alunos se tornassem conscientes de suas próprias faculdades espontâneas de expressão, preservando sua naturalidade enquanto se desenvolvem por meio do movimento, seguindo o referencial trazido por Laban (1978).

Os textos de Isabel Marques, direcionados para o ensino da dança na escola, me inspiraram a refletir sobre esse assunto e, através do viés da educação física, encontrar possibilidades de ensino, criação e multidisciplinaridade. Assim, busquei facilitar a correspondência entre diferentes conteúdos como cultura, capacidades físicas, sociedade e história. Para mim esse também foi um processo de reflexões rotineiras da licenciatura sobre o aluno/sujeito social na escola, seu contexto e a forma que se integra ao mundo em que vive.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os fatores de movimento fazem parte de um dos conteúdos que compõe o Sistema Laban-Bartenieff. Na primeira metade do século XX, o pesquisador e coreógrafo Rudolf von Laban, deu início a uma série de estudos de análise de movimento. Em 1900 Laban iniciou seus estudos em Paris envolvendo-se com desenho e pintura, arquitetura, encenação e dança (PARTSCH-BERGSOHN, 1994). Nos anos seguintes ele experimentou ballet e os movimentos expressivos de François Delsarte, o que mais tarde tornou-se inspiração para seus primeiros estudos em dança. Em 1913, incentivado pelos líderes do Monte Veritá, na Suíça, começou a ensinar uma diferente forma de dançar na *School of all the Arts of Life* que logo foi conhecida como a *nova dança alemã*. Entre os anos de 1913 até 1917, Laban direcionou suas aulas como forma terapêutica para pessoas exaustas da forma de vida convencional da época. Assim ele iniciou suas pesquisas sobre movimento, somando seus conhecimentos sobre artes e arquitetura à dança. Logo a Nova Dança Alemã passou-se a ser chamada de Dança Livre.

Sua estadia no resort da montanha permitiu que fizesse contato com outras pessoas que também estudavam o movimento, como sua primeira discípula Mary Wigman, que deixou o antigo tutor Jacques Dalcroze, músico renomado da época, para se unir a Laban. A experiência de Wigman possibilitou que Laban pudesse potencializar seus estudos sobre dança, tom e palavra (PARTSCH-BERGSOHN, 1994). Em 1925 Laban conheceu Irmgard Bartenieff, que posteriormente tornou-se sua principal pupila e fundadora do *Laban Institute of Movement Studies* nos Estados Unidos.

Das teorias construídas a partir dos estudos levados adiante por Bartenieff nasceu o Sistema Laban-Bartenieff. Fernandes (2006, p. 34) descreveu o Sistema como uma forma esquematizada que permite a “análise, performance, observação e registro – descrição e notação – do movimento humano”. O sistema, como explicita Valle (2005), compreende categorias fortemente entrelaçadas, que são: Corpo, Espaço, Forma e Expressividade. A partir das pesquisas que Laban realizou, das quais formaram o Sistema Laban-Bartenieff, são encontradas duas formas de análise: a Labanotação e a Labananálise (ou Labanálise). A Labanotação, segundo a definição dada por Valle (2005), é um método científico para descrição completa que compreende a totalidade do movimento humano, levando em conta a impressão geral e abrangendo a variação de momento em momento. A Labanálise, por sua

vez, sistematiza o processo de observação e análise dos movimentos qualitativos da ação corporal (COHEN apud FERNANDES, 2006).

Laban usou diferentes categorias na formação do sistema para facilitar e organizar a observação e descrição dos movimentos. Segundo Fernandes (2006): as categorias, Corpo, Espaço, Forma e Expressividade, estão sempre presentes em todo movimento, porém com diferentes graus de importância ou destaque. Sendo assim, as unidades de desenvolvimento do ensino de dança que seguem essa linha de pensamento, têm sempre uma dessas categorias como eixo principal ou ênfase. As quatro categorias são trabalhadas em conjunto, mesmo de forma subjetiva, uma vez que estão intrinsecamente conectadas entre si. Fernandes (2006) menciona que Laban compara o entrelace das categorias ao DNA, com suas quatro bases – adenina, guanina, timina e citosina – responsáveis pelo código genético. No sistema, os quatro pilares também podem ser organizados em forma de espiral onde todas as categorias interagem continuamente entre si.

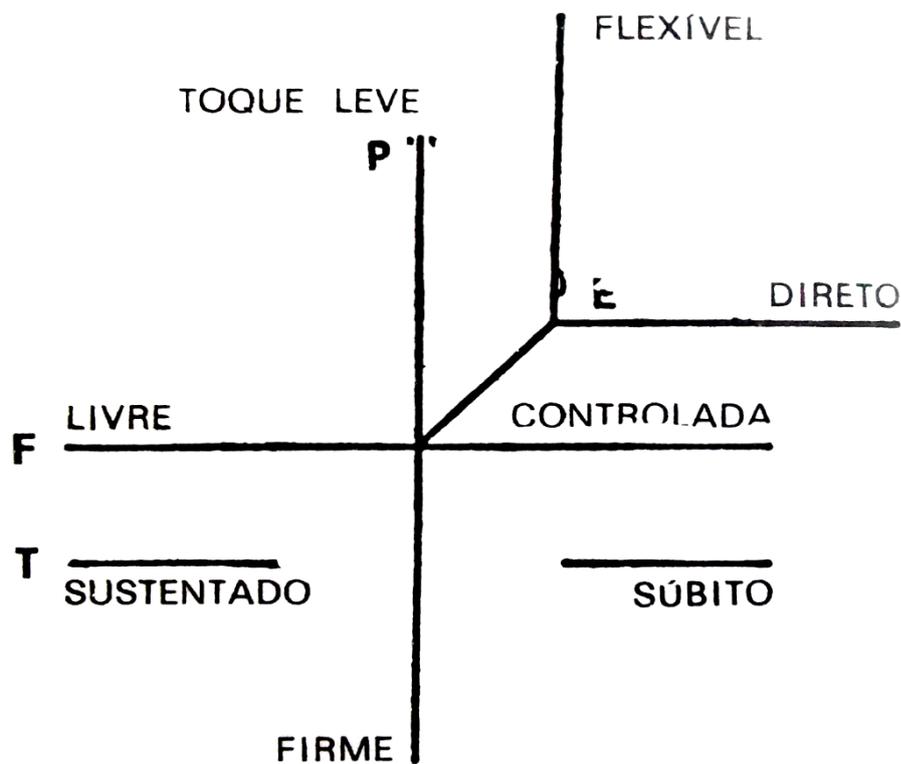
Os estudos sobre o sistema Laban/Bartenieff não são voltados apenas para as Artes Cênicas. Segundo Miranda (apud FERNANDES 2006, p. 24), esse conjunto de conhecimento sobre análise de movimento vem sendo desenvolvido em diversos domínios. Alguns dos conteúdos encontrados podem auxiliar no desenvolvimento das aulas na Educação Física. O objetivo da minha pesquisa não é englobar todo o Sistema Laban-Bartenieff, pois esse é bastante complexo e extenso. O objetivo dessa pesquisa foca-se no conhecimento da categoria Expressividade do Sistema para proporcionar às alunas um maior aprendizado sobre seu corpo e sobre as variações das formas de se mover, tanto em danças como nos esportes.

Segundo Fernandes (2006 p. 120), “a categoria Expressividade refere-se às qualidades dinâmicas do movimento e corresponde ao conceito de Energia do Sistema Laban”. Pode-se encontrar em outras literaturas o nome de ESFORÇO para essa categoria, que é a tradução literal dos estudos de Laban: *Effort*. O termo Expressividade foi escolhido por Fernandes para facilitar a compreensão, já que a categoria não está ligada apenas à força condensada, ou a quantidade de esforço, para realização do movimento.

A categoria Expressividade diz respeito às qualidades dinâmicas, desenvolvidas por Laban, que expressam a intenção interna do indivíduo e estão relacionadas a quatro fatores de movimento. Todo movimento flui com alguma tensão, ou liberdade, contém um peso; tem determinado tempo e viaja livremente ou direciona-se a um ponto no espaço (FERNANDES,

2006). Valle (2005) explica em seus textos que o trabalho através desses fatores traz um conhecimento corporal sobre as qualidades de movimento do indivíduo. Os termos usados por ela para identificar os quatro fatores são: peso, aceleração, foco e fluência. É importante compreender que cada um dos fatores possui dois contrastes ou opostos, os quais existem com uma infinidade de graduações.

Figura- Gráfico de Esforço



Fonte: LABAN, 1978, p. 126.

Na figura 1 temos o *Gráfico de Esforço*, a representação dos quatro fatores de movimento feita por Laban, cada um contendo seus dois opostos. Sendo: “F” fluxo, “T” tempo, “P” peso, e “E” espaço. No livro de Laban *Domínio do Movimento*, de 1978, as traduções para os fatores qualitativos de movimento são: tempo para aceleração; espaço para foco; e fluxo para fluência. Existem algumas variações de terminologia. Optei pela terminologia usada por Valle em suas publicações e aulas, para maior compreensão e

facilidade de associação às formas definidas pelos fatores. O fator peso não teve alteração nas publicações das autoras Valle (2005) e Fernandes (2006).

Laban (1978, p. 47) enuncia que o fator fluência “está intimamente relacionado ao controle dos movimentos das partes do corpo”. Fernandes (2006) define como sendo a tensão muscular usada para deixar fluir o movimento (*fluência livre*) ou para restringi-lo (*fluência controlada*). A fluência controlada é como a movimentação de um robô, com movimentos que tem início e fim bastante definidos; já a fluência livre é o movimento solto, sem controle, como uma pena voando ao vento, um movimento sem travas, que flui livremente.

O fator foco diz respeito à atenção que se dá ao espaço do movimento. Segundo Fernandes (2006, p.126), a ação “pode ter a atenção concentrada em um único ponto, canalizada para um único foco, o que consiste no *foco direto*”, pode ser ilustrado com um trem que segue nos trilhos ou uma flecha disparada. O *foco indireto* (ou flexível) consiste em ter seu movimento voltado para vários pontos, com a atenção aberta a todos eles, como alguém que fala para um grande grupo.

O peso está diretamente ligado à força da gravidade exercida sobre o corpo e à resistência a ela. A forma que a força está evidenciada no movimento difere se ele é *firme* ou *leve*. O peso leve pode ser exemplificado com a movimentação de tentar andar sem fazer barulho, ou em uma superfície frágil. Já o peso firme pode se assemelhar à imagem de empurrar uma caixa muito pesada, ou abrir uma janela emperrada (FERNANDES, 2006).

A aceleração “indica uma variação na velocidade do movimento, um movimento se torna *acelerado* (ou súbito) quando fica cada vez mais rápido e *desacelerado* (ou sustentado) ao ficar mais lento” (FERNANDES, 2006, p. 135). Para o movimento acelerado pode se dar a imagem de uma pessoa que se assusta, saltando para trás com o espanto; já o movimento desacelerado pode ser exemplificado com a imagem de um balão de hélio descendo e pousando no solo.

As oito possibilidades de expressão se subdividem em polaridades: *entregue* e *combatente* (ou condensada). Essas polaridades correspondem aos contrastes dos fatores. A polaridade entregue corresponde ao movimento desacelerado com peso leve e foco indireto; conseqüentemente, a polaridade combatente refere-se ao movimento acelerado com peso firme e foco direto. Fernandes (2006, p. 122) atribui a fluência de forma subjetiva às

polaridades, sendo a “fluência livre subliminar às qualidades entregues, e a fluência contida, às qualidades combatentes”.

O aprendizado dessas qualidades traz um amplo vocabulário de movimento aos alunos, que não está somente ligado ao aprendizado de passos de dança específicos. Laban (apud MARQUES, 2010, p. 43) acreditava que “que a técnica de dança livre está diretamente ligada ao domínio do movimento individual, ao conhecimento dos impulsos, dos fluxos de tempo e espaço do corpo que dança”. O aprendizado dessas qualidades possibilita que o aluno reconheça as possibilidades do seu corpo, se aproprie dessas possibilidades e com isso crie novos repertórios de movimento. Marques (2010, p.37) fala que é importante quebrar o paradigma das aulas convencionais de dança que são direcionadas à prática de sequências predeterminadas e trabalhar mais do que apenas o movimento. É preciso trabalhar inserido no contexto dos alunos.

Em um de seus livros, Marques (2010) fala que os professores de dança têm se permitido apropriar do papel de ensinar a apreciar, comentar, observar, analisar, decodificar, criticar trabalhos de dança; com isso, ela aponta três possíveis objetivos para os professores trabalharem em suas aulas de dança na escola. Primeiro: educar leitores críticos de dança que sejam, sobretudo, leitores do mundo; segundo: trabalhar as relações de nexos, os signos e os componentes de linguagem da dança de modo que não isolem a dança de seus múltiplos contextos; e terceiro: ‘Impregnar de sentidos cada ato cotidiano’ [Paulo Freire]. Ao citar Freire, Marques refere-se à produção textual do aluno, conforme seu entendimento dos signos por ele construídos. Quanto a isso ela ainda diz que são necessários caminhos ligando intenção e ação, onde dar sentido às ações se torna tão importante quanto fazê-las.

Marques desenhou seus objetivos pensando nas finalidades da dança livre, a partir da proposta de Laban:

“tornar os alunos conscientes de suas próprias faculdades espontâneas de expressão; segundo, preservar a espontaneidade do movimento; terceiro, fomentar a expressão artística por meio da arte do movimento; quarto, despertar os alunos para uma consciência da humanidade por meio da observação de movimento” (MARQUES, 2010 p. 83).

Os objetivos descritos por Marques se relacionam com o objetivo da educação física na área das linguagens, proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. O aluno que compreende a linguagem corporal como forma de expressão e interação social

“amplia o reconhecimento do outro e de si próprio, aproximando-se cada vez mais do entendimento mútuo” (BRASIL, 2000, p. 10).

Marques traz em outro texto, as experiências de estagiárias do curso de Licenciatura em Dança da UNICAMP, onde o contexto dos alunos influenciava suas formas de mover e determinava um padrão de fatores de movimento. Uma das alunas trabalhou utilizando o contexto "violência", já que seus alunos eram provenientes de uma comunidade em vulnerabilidade social, onde balas perdidas, tráfico de drogas eram comuns. Nos relatórios de estágio da acadêmica constava que:

“trabalhar com a dança possibilitou aos alunos (as) identificar e problematizar o que era um movimento "violento" em nossa sociedade, reconhecendo e discutindo, por exemplo, a necessidade de fazer um movimento "repentino, firme e direto" em contraposição a movimentos "lentos, leves e indiretos" (que os alunos (as) associaram a movimentos de "classe alta").” (MARQUES, 1997, p. 26)

Para o desenvolvimento das aulas na Escola Júlio de Castilhos, busquei apoiar-me nas publicações de Isabel Marques que falam sobre sua proposta metodológica Dança no Contexto. Essa proposta defende que “os corpos em situação de ensino e aprendizagem de dança aprendem e ensinam em diálogos críticos que pronunciam o mundo, em constante e aberto movimento de transformação” (2010, p. 194). Portanto, o professor ensina e aprende ao mesmo tempo; divide e discute com seus alunos. Essa abordagem sugere quatro pilares entrelaçados: problematizar, articular, criticar e transformar.

Em poucas palavras, as quatro diretrizes visam melhorar a qualidade da aula, potencializando o momento de aprendizagem. Entende-se por “problematizar”: indagar, questionar, perguntar sobre um tema que leve os alunos a refletir. “Articular” refere-se à possibilidade de associar, relacionar, conectar esse tema ao contexto dos alunos. “Criticar” tem caráter emancipatório e libertador na educação; a crítica propõe o diálogo e a conversa dos alunos entre si e com o professor. Já “transformar” é a capacidade de ajustar os temas e conteúdos ao desenvolvimento dos alunos conforme o desenvolvimento dos conteúdos; é a capacidade de adequar-se às necessidades dos alunos para que o caminho da aprendizagem seja o mais rico possível. (MARQUES, 2010)

Em uma de suas pesquisas, Brasileiro (2002) incluiu em seu plano de ensino para as aulas de educação física algumas aulas de dança com alunos do ensino fundamental e médio. Essas aulas de dança resultariam em uma apresentação para um evento de comemoração do

aniversário da escola. Brasileiro comenta que a escola, mesmo apresentando diversas manifestações de danças em eventos ao longo do ano, não trata da dança como um conteúdo. A justificativa para isso são questões estruturais, de conhecimento ou de aceitação do conteúdo por alguns alunos, especialmente meninos. Antes de iniciar a unidade do plano de ensino, Brasileiro perguntou aos alunos se havia vontade de ter um conteúdo diferente, que fugia às aulas que tiveram até o momento. Para as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental já era marcante a presença de um esporte específico para os meninos e de outro para as meninas. Os alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, em sua maioria, deixaram explícita sua vontade de ter grande interesse em diferentes conteúdos nas aulas de educação física e que fosse não priorizado apenas um dos sexos. A pesquisadora conta que durante as aulas, foi muito mais fácil relacionar os temas transversais do plano de trabalho com a realidade dos alunos. Sobre a participação e envolvimento dos alunos, a autora comenta que considerou boa, e que não houve grande diferenciação por sexo no envolvimento com as aulas. Ainda foi possível perceber que muitos alunos não sabiam diferenciar o que era dança do que era música e que demonstravam conhecimento relativamente raso sobre as danças que conheciam. Dentre as dificuldades aparentes, as que mais chamavam atenção eram a vergonha de se expor em grupo e as relações entre os alunos, tanto de mesmo sexo quanto de sexo diferente.

A construção do festival, proposto pelas aulas de Brasileiro, aconteceu com bastante envolvimento da comunidade escolar e possibilitou visualizar de forma bem abrangente a evolução dos alunos depois do trabalho. Após o evento, Brasileiro perguntou aos alunos sobre suas opiniões em relação à unidade de dança em um debate aberto com as turmas. Segundo a autora, constatou-se que muitos tinham vontade de prosseguir com o conteúdo de dança, e que gostariam de ter mais aulas no futuro, através de expressões positivas e elogios às aulas.

Existe um projeto de dança no Colégio Júlio de Castilhos. Esse projeto ocorre durante à tarde para os alunos do turno da manhã como atividade complementar no turno inverso. Infelizmente, não existe um projeto para os alunos da tarde fazerem pela manhã; e mesmo que houvesse, algumas alunas trabalham e não teriam disponibilidade para poder participar.

Os referenciais teóricos trazidos por Marques e o estudo da categoria expressividade do sistema Laban-Bartenieff como conteúdo nas aulas de educação física, ministradas por mim, englobam de forma satisfatória os objetivos da escola para o primeiro semestre de 2015.

Portanto, trazer a dança como unidade do plano de ensino vai além de variar o tipo de aula que as alunas têm: é contribuir para um maior desenvolvimento da cultura corporal das alunas por uma necessidade que é latente, como também pode ser visto no texto de Brasileiro.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

3.1 PROBLEMA

De que forma as alunas da Turma 12MNO, da Escola Júlio de Castilhos, experimentam os fatores expressivos de Laban em aulas de Ed. Física?

Mais profundamente que analisar apenas “o como” as alunas experienciaram as aulas, o problema se encontra em observar o quão rico esse conteúdo se mostra para elas, levando em conta suas opiniões sobre cada módulo e a análise da unidade do plano de ensino, seus pontos positivos e negativos, além da conformidade com os objetivos propostos pela escola. Inevitavelmente a pesquisa leva ao ponto sobre a “utilidade” de abordar esse conteúdo e a adaptabilidade dele ao contexto de nossas aulas.

3.2 MÉTODO

A pesquisa se deu de forma qualitativa com delineamento de Relato de Experiência. Segundo Godoy (1995) na pesquisa qualitativa o pesquisador vai a campo para entender o fenômeno, que será estudado, a partir da perspectiva das pessoas envolvidas, considerando os pontos de vista que sejam relevantes à pesquisa. Gaya, em 2008, fala que na abordagem qualitativa é necessário que o pesquisador permaneça o tempo necessário para que possa interpretar a situação ou contexto que se insere a pesquisa.

No relato de experiência, o pesquisador constrói a conclusão para os seus problemas propostos através de depoimentos e registro de situações e casos relevantes que ocorreram no decorrer da pesquisa, baseados nos referenciais teóricos previamente estudados.

Para facilitar a aprendizagem, dividi o conteúdo em seis módulos, que foram desenvolvidos nas aulas da turma 12MNO da Escola Estadual de Ensino Médio Júlio de Castilhos durante o estágio curricular obrigatório do Curso de Licenciatura em Educação Física.

O conteúdo relativo aos fatores expressivos de movimento do sistema Laban foi disposto em seis módulos. Esse arranjo foi pensado para melhor organizar as aulas, com uma evolução do conteúdo que passasse por momentos de exposição, prática, reflexão e associações livres e orientadas sobre relações da dança, do cotidiano e de esportes com os fatores de movimento de Laban. Os módulos, por sua ordem, foram: 1) introdução, 2) exposição, 3) experimentação na dança, 4) experimentação em movimentos, 5) associação e 6) avaliação.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES

A coleta de dados foi feita através dos planos de aula feitos para cada um dos módulos programados e por um relatório reflexivo sobre o andamento e aceitação das alunas às atividades da aula anexo a cada plano. Na última aula fizemos uma atividade de avaliação sobre a compreensão das alunas com a associação dos fatores a imagens de movimentos de dança e esportes. Algumas das conversas com a turma foram gravadas em imagens de vídeo, as quais foram transcritas para análise do processo da pesquisa.

3.4 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Conforme o desenvolvimento das aulas foi feita uma discussão sobre a experiência, o aproveitamento das alunas, sua aceitação e engajamento às aulas, levando em consideração a bibliografia encontrada. Essa relação ainda levou em conta a forma de abordagem das aulas, as metodologias de ensino que foram usadas e outros fatores que possam influenciar positiva ou negativamente às aulas.

3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Durante todo o processo de pesquisa foi respeitada a lei CNS 196/96 que rege os procedimentos éticos em pesquisas feitas com humanos.

4 ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, AULAS E LABAN

O colégio Júlio de Castilhos definiu para o primeiro trimestre de 2015, o seguinte objetivo para a área das linguagens (português, literatura, língua estrangeira, educação física, e artes): fazer o aluno produzir e interpretar diferentes textos que o levem a ressignificar e compreender sua função como ser social. A escola é referência na cidade de Porto Alegre desde sua fundação em 1900. O Colégio Júlio de Castilhos atende apenas o Ensino Médio e segundo os documentos da escola tem mais de 4000 alunos oriundos de diversos pontos de Porto Alegre, incluindo cidades próximas. Durante o turno da manhã, a escola abriga dezoito turmas de primeira, série quatorze turmas de segunda série e nove de terceira série. O turno da tarde é composto por vinte e sete turmas de primeira série, sete de segunda série e quatro de terceira série. O horário da noite têm vinte e uma turmas de primeira série, onze de segunda série e seis de terceira série. Somando os três turnos, teremos um total de 117 turmas na escola. O corpo docente é formado por 240 professores, e possui ainda mais 39 funcionários para organização, manutenção e segurança da escola. Todos os professores têm formação superior, alguns com mestrado e outros com doutorado. O colégio sempre abre suas portas para alunos de graduação em seus estágios obrigatórios, oportunizando a renovação das formas de ensino e diferentes métodos de abordagens pedagógicas.

O colégio tem diversos espaços onde as aulas de educação física podem ser ministradas, há um ginásio coberto com uma quadra poliesportiva, sala de musculação e seis salas de ginástica. Apesar de ser uma escola estadual e sofrer com alguns descasos relacionados às políticas educacionais, o colégio possui grande quantidade de recursos que asseguram uma condição de ensino favorável para aprendizagem dos alunos. Infelizmente, a forma de ensino, em algumas ocasiões, ainda segue os padrões antigos de metodologia da escola, como a separação por sexo nas aulas de educação física. A turma com a qual realizei meu estágio, e essa pesquisa, era composta exclusivamente por meninas.

A turma de estágio da qual participei foi orientada pela professora Denise Grosso da Fonseca, do curso de Licenciatura em Educação Física. O estágio ocorreu em dupla durante todo o semestre, mas durante as aulas voltadas para a pesquisa minha colega, Maely Martini, permitiu que eu ficasse a frente como professor enquanto me ajudava na organização da aula e com o que pudesse ser necessário.

O grupo de alunas era formado por três turmas: M, N e O, somando trinta estudantes, mas com uma média de menos de quinze meninas por aula. No início do estágio pude perceber que elas apresentavam pouca habilidade motora em esportes e que muitas não tinham habito de fazer educação física. Apesar da falta de costume, todas foram extremamente receptivas às aulas, desde os momentos de reflexão sobre algum tema transversal às unidades de ensino até momentos de esportes que exigiam intenso contato físico. Desenvolvemos com elas voleibol, handebol, e futsal antes de iniciar o estudo dos fatores qualitativos de movimento.

Durante as unidades anteriores do plano de ensino, pude perceber que as alunas se interessavam bastante por atividades físicas como academia ou esportes de lazer. Esse engajamento foi um ponto importante para que eu e minha dupla conseguíssemos desenvolver outras formas de cultura corporal. Elas demonstraram bastante interesse pelos conteúdos e colaboraram por mais de uma vez com boas reflexões sobre as aulas. Uma das primeiras questões levantadas pelas alunas foi sobre a necessidade do aprendizado dos esportes e conteúdos de dança. Dessa forma, a proposta de dança no contexto de Isabel Marquês foi fundamental para tornar os conteúdos mais palpáveis à realidade das alunas desde o início do estágio.

O entendimento da proposta proporcionou-me visualizar as aulas de diferentes formas, dando muito mais espaço para problematizações e discussões sobre determinados assuntos ligados às unidades, como sexismo no esporte e a inserção da mulher numa sociedade fisicamente ativa que cultua o corpo idealizado pela mídia. Os momentos reflexivos com o grupo motivaram as alunas a participar da aula, diminuindo as barreiras existentes entre mim e elas. Entender o contexto das alunas por meio dessas discussões ajudou-me a transformar os próximos conteúdos para aproximar as aulas à realidade delas.

Os módulos dos quais dividimos o conteúdo dos fatores expressivos de Laban foram: Introdução, Exposição, Experimentação na dança, Experimentação em movimentos, Associação e Avaliação. Os seis módulos contemplam momentos de aula prática e teórica.

4.1 INTRODUÇÃO E EXPOSIÇÃO

O módulo “Introdução” previa entender o que as alunas entendiam por dança. Por isso, guiei as aulas a partir de algumas questões que nos levariam a discutir sobre os diferentes tipos de dança e refletir sobre danças conhecidas pelas alunas. Também pretendi estimular um pensamento sobre as diferentes formas de se movimentar em cada um dos tipos de dança que elas conheciam e discutir o que essa movimentação transmitia a quem assistia.

A primeira aula iniciou com a questão: O que é dança para vocês? A construção dos conceitos de dança das alunas remete ao referencial de Brasileiro, onde alguns de seus alunos “não diferenciavam, o que era dança e o que era música/grupo musical” (2002, p. 13), quando relacionavam a dança diretamente ao ritmo da música dançada. Essa questão levou à pergunta: Dá para dançar sem música? Algumas alunas responderam que sim. Mas ainda assim seria importante ter a música na cabeça, caso contrário seria mais difícil. Dessa forma, o que as alunas processaram nessa primeira aula é de que “dançar é movimentar o corpo em um ritmo”.

A partir da discussão sobre o significado de dança para elas, evoluímos a conversa para os tipos de danças que as alunas conheciam. As meninas enunciaram o ballet, o axé, o sertanejo, o samba, o funk, o forró, o tango e dança contemporânea. Ao falar dos exemplos de danças conhecidas, uma das alunas ressaltou a dança de salão, e isso nos levou a discussão sobre a finalidade e origem da dança. Abordamos as danças cênicas, as danças sociais e as danças folclóricas.

Após esse debate, assistimos a vídeos com as danças mencionadas, ballet, forró, tango; e falamos sobre o que cada um dos vídeos transmitia para elas. Para minha surpresa a primeira coisa que ressaltou sobre o ballet foi ser leve. Guiados pela qualidade leve presente no ballet, comecei a questionar sobre as outras danças como o tango, o axé, o forró. Respectivamente as alunas responderam: “duro” (qualidade a qual foi posteriormente relacionada ao fator de peso firme), “descontraído” (qualidade a qual foi posteriormente relacionada ao fator de foco indireto), “solto” (qualidade a qual foi posteriormente relacionada ao fator de velocidade acelerada). Finalizando esse módulo, perguntei se as apresentações de dança sempre contavam uma história, ou se deveriam passar uma mensagem. As alunas conversaram e

concluíram por elas mesmas que a forma de dançar vai sempre passar informações sobre algo, seja estado de espírito ou até mesmo uma história.

Como ponto positivo, posso afirmar que a participação ativa das meninas e a demonstração de interesse nas discussões foram cruciais para a introdução desse conteúdo, já que se baseava mais na conversa e reflexão sobre os tipos de dança. No início, quando anunciei que a aula seria sobre dança pude perceber reações de insatisfação seguidas da pergunta “mas nós *não* vamos dançar, né?”. Essa reação talvez esteja ligada à insegurança com a exposição frente às colegas da turma ou mesmo à insegurança com suas capacidades coordenativas e rítmicas. Como ponto negativo, ressalto a indisponibilidade de uma sala de aula onde pudéssemos estar acomodados para poder sentar confortavelmente e assistir os filmes em uma tela maior. Ainda, a dificuldade de convivência entre algumas meninas causava pequenos atritos durante as aulas, como piadinhas e provocações. Uma aluna, usando isso como desculpa, não compareceu ao segundo período da primeira aula do módulo introdução.

O módulo “Exposição” foi composto pela inserção dos fatores peso, foco e aceleração, suas definições e variações. Nessa aula, minha intenção era de que as alunas iniciassem a construção dos significados dos fatores e comesçassem a refletir sobre a presença desses fatores em diferentes danças que elas conhecessem.

A aula iniciou com um vídeo de uma apresentação de dança contemporânea retirado do site YouTube, de título: Sia – Chandelier on Dancing with the stars. Após assistirmos o vídeo, perguntei: o que vocês perceberam nessa apresentação de igual ou diferente das outras que nós vimos? Fiz essa pergunta na tentativa de fazê-las refletirem sobre as qualidades presentes nos outros vídeos de dança que pudessem ser identificadas nas movimentações das bailarinas. A resposta das alunas foi que a dança contemporânea tinha elementos de todas as danças anteriores juntas, como a leveza do ballet e os movimentos mais “soltos” presentes no axé e no forró, mas também alguns movimentos mais “duros” como os do tango. Com isso eu e as alunas definimos que na dança contemporânea podemos ter a abrangência de todas as qualidades.

Dessa discussão, entramos no conteúdo através de uma breve contextualização sobre o sistema de análise de Laban, para poder explicar os fatores expressivos de movimento. Iniciei falando sobre a possibilidade de descrição da dança que o sistema nos proporciona. Expliquei

a forma com que o sistema se subdividia para facilitar a análise através da FORMA, CORPO, ESPAÇO e EXPRESSIVIDADE. A partir disso, falei sobre os fatores de qualidade ligados à expressividade.

Através da introdução dos fatores, começamos a discutir sobre a presença do peso (leve ou firme), do foco (direto ou indireto) e da aceleração (acelerado ou desacelerado) que mais chamavam atenção aos olhos naqueles vídeos que assistimos anteriormente. Discutimos mais sobre o tango e sobre o forró. Nessa discussão as alunas comentaram que o forró aparentava ser mais acelerado que as outras danças. E que o tango apresentava maior variação de velocidade entre os movimentos, possuindo passos acelerados e desacelerados.

As alunas demonstraram um pouco de dificuldade para visualizar a diferença entre os focos direto e indireto. Com isso, comecei incluir exemplos com imagens, como um professor quando fala para todos os alunos e quando ele corrige apenas um dos estudantes; e a diferença entre uma pedra e uma folha caindo. A associação dos fatores às imagens realmente facilitou o entendimento das meninas. Quando as alunas começaram a demonstrar maior compreensão sobre as qualidades, pedi que elas trouxessem mais exemplos para podermos discutir sobre eles. Logo, as meninas começaram a dar varias imagens de diferentes coisas, mostrando que tinham assimilado o significado dos fatores. Para dar um exemplo de algo com foco direto, uma das alunas trouxe a imagem de um chute a gol, do futebol. Já demonstrando capacidade de evoluir com o conteúdo para a próxima aula, que visava associar as qualidades de movimentos aos esportes conhecidos. A aula foi finalizada com a exposição dos próximos objetivos do conteúdo.

Para esse módulo, contei como ponto positivo a motivação das alunas sobre o conteúdo, resultante do módulo anterior. Infelizmente, duas alunas que não haviam comparecido no primeiro período de aula chegaram e tumultuaram um pouco as discussões, desviando a atenção de outras alunas que estavam bastante interessadas sobre a conversa sobre os fatores presentes nas danças e nas imagens.

A reflexão sobre esses módulos me levou a pensar o quão importante foi assistirmos aos vídeos na primeira aula e discutir sobre as formas de se movimentar naquelas danças. A conversa sobre as qualidades que foram notadas, fez com que elas relacionassem o conteúdo antes do que o esperado, com exceção da dificuldade de diferenciar o foco direto do indireto. Essa diferença tornou-se bastante visível com a chegada de duas alunas durante o segundo

módulo, que demonstraram mais dificuldade de relacionar os fatores aos movimentos. Por algum motivo aquele conteúdo não era tão interessante para as duas alunas quanto para o resto da turma, e isso fez com que elas desviassem bastante o foco da aula com pequenos comentários irrelevantes para o conteúdo. Esses problemas de convivência e atrasos foram os primeiros tópicos do início do módulo seguinte.

4.2 EXPERIMENTAÇÃO EM DANÇA E MOVIMENTO

Para o terceiro e quarto módulo, experimentação em dança e movimento, defini como objetivo experimentar os fatores a partir de imagens dadas por mim e por elas, transformar as movimentações através dos fatores percebidos na dança escolhida e criar movimentações através dos fatores percebidos nas imagens impressas.

Para os módulos de experimentação em dança e movimento, tivemos praticamente o dobro de alunas que haviam comparecido às aulas anteriores. Dessa forma, pedi às alunas presentes na aula passada que me ajudassem a lembrar os conteúdos que aprendemos enquanto explicávamos para as outras colegas. As alunas pareceram ter fixado a maioria dos conceitos e até deram alguns exemplos de imagens relativos à última aula. Para a atividade de identificação e experimentação dos fatores em movimento, as alunas estavam muito acanhadas de participar das atividades da forma como eu propus. Demorou algum tempo até que eu conseguisse convencê-las a participar. Quando consegui, um trio de meninas que não entrou na atividade ficou rindo e essa situação acabou por prejudicar a motivação das outras. Logo, ninguém mais participou.

Ao perceber que as alunas estavam cansadas de discutir os fatores presentes nas imagens, decidi incluir uma atividade onde elas pudessem por em prática o conhecimento que haviam absorvido sobre os fatores qualitativos de Laban. Pedi para que elas formassem três grupos e que cada grupo escolhesse um tipo de dança que havíamos assistido e discutido. Expliquei que a atividade consistia na transformação de quatro passos simples – um para cada lado, outro pra frente e outro pra trás – conforme as qualidades mais presentes nos tipos de danças que elas haviam escolhido. Os últimos 5 minutos dessa aula se deram para a organização dos grupos e escolha da música que seria dançada.

No outro período, referente ao quarto módulo, as alunas chegaram bastante ansiosas. Um dos três grupos estava bastante desmotivado, não havia escolhido uma dança e nem todas as integrantes queriam participar. Dediquei mais tempo para ajudá-las enquanto minha dupla de estágio ajudava os outros grupos com a escolha de uma música e a transformação dos passos.

O grupo que ajudei escolheu tango, os outros escolheram samba/pagode e dança urbana. Deixei que as meninas discutissem as qualidades presentes nas danças escolhidas e numerei os grupos para que apresentassem sua coreografia para as colegas. Após cada apresentação eu questionava os grupos que assistiram sobre as qualidades percebidas nos movimentos das colegas e se elas condiziam com as qualidades percebidas nas danças que o grupo em questão havia escolhido.

Como a atividade foi improvisada e ainda não havíamos dançado, esperei apenas pela participação na transformação dos passos conforme a reflexão sobre as qualidades presentes na dança escolhida e pela intenção das alunas na hora de realizar a coreografia. De todas as danças apresentadas, o grupo que dançou tango demonstrou maior desenvoltura na aplicação dos fatores nos passos, variando entre passos firmes e leves, desacelerados e diretos. Os outros grupos demonstraram entender o conteúdo durante as discussões e conversas, mas não pareceram conseguir executar os movimentos conforme a qualidade que queriam.

Para atividade de encerramento do módulo, entreguei a cada grupo uma imagem, que foram a de um astronauta, a de um robô e a de um gato e um rato. Todas as imagens apresentavam um movimento, o astronauta e o robô pareciam andar, e o gato parecia caçar o rato. Pedi para que elas criassem uma pequena movimentação baseada nas imagens. Cada grupo apresentou suas imagens e depois discutimos se as qualidades apresentadas condiziam com o que a imagem transmitia. Os grupos discutiram suas imagens e apresentaram para turma. O grupo com a imagem do astronauta e o com a imagem do robô saíram-se muito bem durante a demonstração e a discussão. O grupo que pegou a imagem do gato e o rato não conseguiu demonstrar com clareza as qualidades, mas durante a discussão demonstraram ter consciência sobre o que os movimentos das imagens transmitiam.

Nesses módulos o acanhamento de algumas alunas impossibilitou que conseguíssemos fazer experimentações mais ricas, com maior variação de movimentos. Mesmo assim, acredito ter alcançado os objetivos da aula de forma satisfatória.

Durante a aula, abordei indiretamente assuntos sobre participação e frequência (não voltar para o segundo período, ou não vir ao primeiro). Falei que poderia não ser uma matéria difícil, mas que era necessário um acompanhamento da evolução do conteúdo. Mencionei que estávamos avaliando a qualidade de engajamento delas em cada momento que eu perguntava sobre algum conteúdo ou pedia pela participação em alguma atividade. Acredito que essa

conversa fez com que as meninas refletissem sobre suas formas de estarem presentes nas aulas. Isso ficou mais visível com o retorno de todas as alunas para a segunda aula e uma redução considerável no número de conversas paralelas ao conteúdo.

4.3 ASSOCIAÇÃO E AVALIAÇÃO

Por causa de algumas alterações no calendário escolar, os conselhos de classe da escola foram adiantados para a semana que ocorreria a última aula, referente ao conteúdo dos fatores de movimento de Laban. Devido ao envolvimento de muitos professores em reuniões de suas respectivas áreas, muitas aulas foram canceladas e as alunas dispensadas. Esse transtorno fez com que a última aula fosse adiada por duas semanas. Além disso, grande parte da turma não compareceu nesse dia em que tínhamos os dois últimos módulos. Estiveram apenas oito meninas presentes.

Para os módulos finais, pretendi entender o quanto as alunas aprenderam dos conteúdos abordados nas aulas anteriores e o que elas pensavam sobre a importância de tê-los estudado. As reflexões sobre os módulos passados me levaram a pensar o quanto as meninas poderiam aproveitar essa aprendizagem no futuro, caso percebam o quanto disso está presente no nosso dia a dia, seja pela dança ou no cotidiano.

Minha intenção para a autoavaliação era fazer com que as alunas refletissem sobre a inserção desse assunto no seu cotidiano. Como Isabel Marques fala em suas publicações, impregnar de sentido, fazer o aluno encontrar motivos para aprender os conteúdos. Mesmo que tenha sido uma experiência de curta duração, pretendi também problematizar o conceito de dança que as meninas construíram durante os primeiros módulos, na intenção de debater suas ideias após as vivências e experimentações propostas.

O quinto módulo iniciou através de uma conversa que visava relembrar o que aprendíamos nas últimas aulas. Das alunas que haviam comparecido, apenas uma não esteve presente em nenhum dos módulos anteriores. Na conversa sobre as aulas passadas, eu perguntei se elas se lembravam do significado que atribuímos à dança. Elas responderam que era: movimentar o corpo num ritmo. Questionei se elas ainda concordavam com esse conceito e uma das alunas respondeu que dança era uma forma de expressão e que cada tipo de dança iria expressar “*coisas*” diferentes.

Tentei discutir sobre as apresentações da aula passada, mas as meninas não estavam cooperando com isso. Passei para a próxima questão: o que é preciso para dançar? A resposta que as meninas deram na primeira aula (no módulo introdução), foi que era importante ter

música e que era preciso saber os passos da respectiva dança. Dessa vez, uma das meninas respondeu que era preciso habilidade, outra menina retrucou dizendo que existem vários tipos de dança e que cada um dos tipos tem sua forma de dançar. Entre perguntas e respostas durante a discussão, elas desenvolveram que o que pode ser preciso para uma dança específica pode não ser preciso pra outra, como flexibilidade ou força.

Tentei fazer com que as alunas associassem alguns fatores com as movimentações presentes em gestos desportivos, mas isso também não resultou muito. Elas aparentavam estar cansadas e por isso a qualidade da participação estava bem fraca.

Frente à falta de motivação das alunas, decidi passar para a associação com imagens impressas. Pensei nessa atividade como uma forma de avaliação sobre o quanto elas conseguiram se apropriar dos conteúdos quando relacionados às imagens. Dividi as alunas em quatro duplas e para cada dupla eu dei uma folha com 6 imagens encontradas da internet (anexo X). Pedi que para cada uma das imagens elas dessem três dos fatores que estudamos: peso, foco e aceleração. Não cobrei que as alunas associassem o fator de fluência, já que como disse Fernandes em 2006, a fluência se liga de forma subjetiva aos fatores, sendo a “fluência livre subliminar às qualidades entregues, e a fluência contida, às qualidades combatentes” (p. 122).

Após o recreio, no último módulo, enquanto esperávamos o resto da turma chegar à sala, perguntei às meninas presentes qual seria o motivos de elas estarem constrangidas na aula passada, na atividade da transformação dos passos. Elas falaram que era vergonha, mas não souberam, ou não quiseram falar do quê exatamente: se das colegas, da incerteza sobre a atividade, ou somente insegurança mesmo. Quando todas as alunas voltaram, iniciei uma discussão sobre as imagens impressas da atividade anterior, caso elas tivessem alguma dúvida sobre o movimento que os desenhos representavam.

Na primeira imagem, um lutador de capoeira chutando, as alunas concordaram entre si que era um movimento acelerado, direto e firme. Na ficha, apenas um grupo acertou os três fatores. As três duplas restantes erraram um fator dos três, uma respondeu lento, a outra indireto e a outra leve.

Na segunda imagem, uma ginasta com a fita, elas responderam: leve, acelerado e direto. Na ficha dois grupos responderam que era desacelerado, um grupo respondeu firme e o

outro indireto. Na discussão essa imagem foi a que mais trouxe dúvida. Quando questionei se elas não conseguiam imaginar uma ginasta se apresentando com a fita, as alunas me responderam que não. Reconheço que essa imagem que eu trouxe não era palpável para a realidade das meninas.

Na terceira imagem, um gato caminhando, não houve dúvidas ao responderem que era leve, direto e desacelerado. Na ficha, apenas um grupo escreveu indireto, todos os outros acertaram.

Na quarta imagem, uma cobrança de pênalti, as alunas responderam que era firme e acelerado; o fator de foco trouxe dúvida, as alunas decidiram que dependeria da habilidade de quem iria chutar, mas na maioria das vezes seria direto. Na ficha, apenas um grupo escreveu indireto, todos os outros acertaram as qualidades presentes na imagem.

Na quinta imagem, uma madrinha de bateria sambando, as alunas concordaram que o movimento seria rápido e indireto, mas tiveram dúvidas quanto ao peso do movimento. Como nenhuma aluna quis demonstrar o samba, eu demonstrei e logo elas definiram que samba seria leve, caso contrário seria chula (dança tradicionalista gaúcha com movimentos predominantemente firmes). Na ficha uma dupla acertou todos os fatores, as outras haviam escrito peso firme.

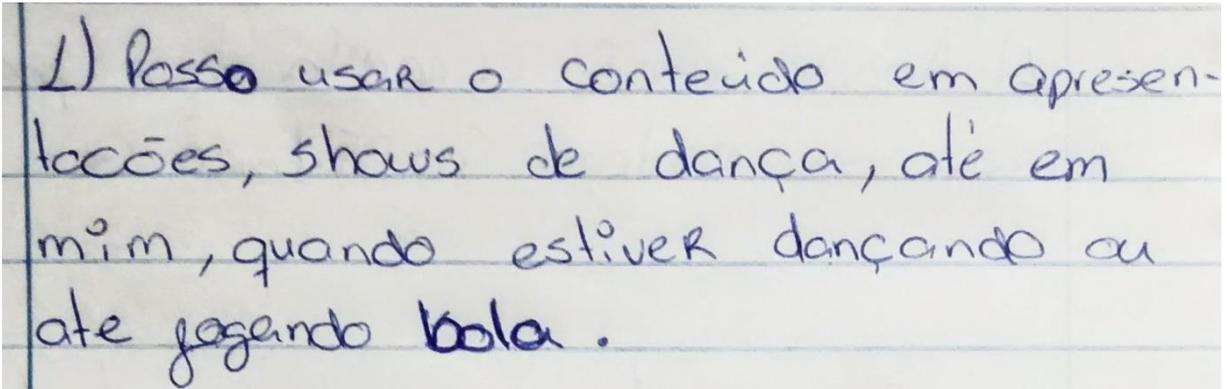
Na sexta imagem, um soldado caminhando, as alunas responderam sem hesitar que o movimento era firme, direto e lento. Porém, na ficha, um dos grupos respondeu que o movimento seria acelerado.

Depois das correções das imagens questionei as alunas sobre onde elas acreditavam poder usar o conteúdo no futuro. Uma das alunas respondeu que achava que usaria como meio de leitura da expressão corporal. Perguntei se as outras alunas concordavam e tentamos analisar as movimentações de uma das colegas presentes. Associei também os fatores a alguns estados de humor e sentimentos; como felicidade à leveza, e distração ao foco indireto.

Após essa atividade, propus que as meninas respondessem em um papel perguntas referentes às últimas aulas, como consta no plano de aula (ANEXO X).

“Onde você acredita que poderá usar esse conteúdo no futuro?”

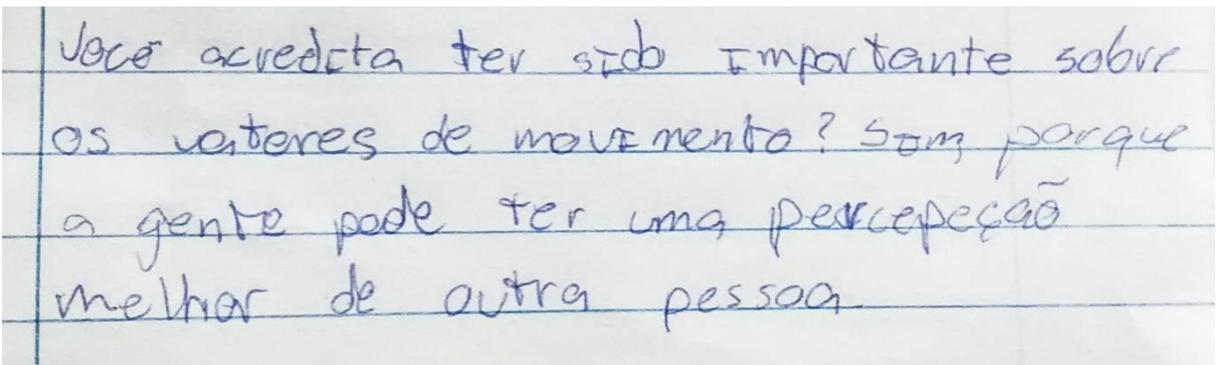
Sobre essa questão, todas as alunas responderam acreditar que usarão esse conteúdo posteriormente, analisando um movimento em si ou em outro. Uma das alunas escreveu que usaria quando estivesse jogando bola, mostrando capacidade de associação com a leitura corporal do adversário em campo. Outra aluna respondeu que usaria na vida toda, pois gosta muito de dança e pretende trabalhar com isso no futuro.



1) Posso usar o conteúdo em apresentações, shows de dança, até em mim, quando estiver dançando ou até jogando bola.

“Você acredita ter sido importante aprender sobre os fatores qualitativos de movimento?”

Novamente, todas as alunas demonstraram dar alguma importância para a aprendizagem dos fatores. Destaco uma das respostas que fala sobre o conteúdo auxiliando na percepção do comportamento alheio através da movimentação.



Você acredita ter sido importante sobre os fatores de movimento? Sim, porque a gente pode ter uma percepção melhor de outra pessoa.

“Do que você gostou mais nessas últimas aulas? Do que gostou menos?”

Seis das oito alunas presentes disseram ter gostado da aula em que dançamos. Uma aluna destacou o momento em que assistimos aos vídeos e discutimos sobre as apresentações de danças. Outra aluna falou sobre gostar de entrar em acordos com as colegas, provavelmente durante as problematizações sobre algum assunto.

3 - Gostei da aula de dança quando agente dançou.

3) Gostei da aula ~~de dança~~ que nós dançamos e da que vimos os vídeos.

3. Eu ~~gostei~~ gostei ~~por~~ que das aulas, me interessei em dançar e achei bem legal por que encontramos um vídeo um várias coisas.

Após a dinâmica, finalizamos a aula assistindo aos vídeos que gravei dos grupos na atividade de transformação dos passos; seguidos de uma conversa sobre a próxima unidade do plano de ensino que eu e minha dupla de estágio planejamos para o fim do semestre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no capítulo anterior, é visível notar que todas as alunas presentes no último módulo reconheceram a importância de aprender sobre os fatores qualitativos de análise de movimento. Algumas alunas ainda demonstraram a intenção de associar esse conteúdo as suas práticas de vida, como durante o dia-a-dia, ou uma partida de futebol, e também na dança. Isso vai de total encontro com o que Laban escreveu em um de seus livros, dizendo que nas aulas onde a arte-educação é incentivada, objetivamos o efeito benéfico da experiência criativa de dança sobre a personalidade do aluno (1985, p. 11).

De modo geral, acredito que a unidade do plano de ensino cumpriu de forma satisfatória com os objetivos propostos pela escola para a área das linguagens e pelas metas definidas pelo PCN de 2012. No documento dos parâmetros curriculares nacionais, fala-se sobre a importância de se desenvolver a linguagem corporal como meio de expressão, informação e comunicação dos alunos (BRASIL, 2012).

Dos principais fatores externos que possam ter influenciado negativamente às aulas, considero as alterações no calendário escolar as mais frustrantes, como semana de conselho escolar tendo poucas aulas e as alterações repentinas que adiaram a última aula. Creio que eu estaria mais preparado para evitar esse tipo de problema se eu tivesse mais experiência com a escola e a necessidade de adaptação de calendário no fim do trimestre.

Para além da questão dos conselhos, acredito que a falta de importância que algumas alunas davam às aulas de educação física não foi um problema que não pudesse ser contornado em algumas semanas. A relevância da disciplina para o futuro das alunas ainda não é levada a sério. Creio que o ideal para conscientização das alunas seria trabalhar com problematização da finalidade da disciplina de educação física como conteúdo escolar obrigatório e indispensável. Mas acho que desenvolver esse tipo de conscientização não cabe apenas para estagiários.

Considero a participação e a motivação das alunas como principais fatores que possam ter contribuído positivamente para o desenvolvimento dos módulos. Acredito que se elas optassem por não cooperar com as discussões e as atividades, nossas aulas não seriam tão ricas e nem tão interessantes como foram. Obviamente, o vínculo professor-aluno, criado

entre nós desde o início do semestre, também fez diferença na hora de propor um conteúdo diferente. Durante as aulas fui percebendo que a motivação superou a vergonha de se expor frente às colegas, reflexo do empenho das meninas na aprendizagem dos fatores de movimento de Laban.

Os referenciais de Isabel Marques ajudaram-me a ver o processo de ensino com outros olhos. Percebo que a proposta de dança no contexto pode ser adaptável a diferentes conteúdos. Vejo que ter em mente apenas uma das faces da proposta pode facilitar muito a criação do clima de aprendizagem. Problematizar, articular, criticar e transformar os conteúdos realmente pode potencializar muito a criação do conhecimento pelos alunos.

Talvez as alunas não usem os fatores em suas vidas da forma com que elas esperam usar; e eventualmente, elas acabem se esquecendo desse conteúdo conforme forem aprendendo outras matérias que pareçam mais interessantes. Com certeza, durante as aulas, pude perceber alunas mais conscientes de suas próprias faculdades de expressão, enquanto refletiam sobre seus corpos, seus movimentos e principalmente, sua dança interna e formas de se apropriar dela.

Realmente espero que elas se lembrem dessa experiência de forma diferenciada e que apreciem e sintam a dança com uma visão artística cada vez mais crítica. Caso isso não aconteça, espero que nunca deixem de lado aquele fascínio que vi em seus olhos enquanto se viam dançando de uma forma que talvez nunca tenham imaginado poder dançar.

6 APÊNDICES

Plano de aula: INTRODUÇÃO e EXPOSIÇÃO

Objetivo: Expressar sobre o conhecimento que possuem sobre dança, de uma forma geral. Discutir sobre os diferentes tipos de danças mencionados. Aprender sobre os fatores de qualidade de movimento de Laban; Refletir sobre esses fatores em algumas das danças conhecidas pelas alunas.

1 – Conversa sobre que diferentes formas de dança as alunas conhecem; a partir das perguntas:

O que você conhece de dança?

O que é a dança para você?

Que tipo de música você gosta de dançar?

O que é dança cênica?

O que é dança de salão?

O que é dança folclórica?

Que qualidades encontramos em algumas dessas danças?

Que qualidades você percebe na sua dança?

2 – Análise de alguns vídeos de dança e conversa sobre as qualidades imaginadas.

Recreio

3 – Explicação dos fatores qualitativos de movimento de Laban com breve contextualização do Sistema Laban-Bartenieff;

4 – Discussão sobre a presença destes fatores nas danças mencionados durante a primeira conversa.

Plano de aula: EXPERIMENTAÇÃO NA DANÇA E EM JOGOS

Objetivo: Relembrar o conteúdo aprendido na aula passada. Experimentar os fatores de movimento de Laban através de “imagens”, danças e jogos. Dar ideias de outras possibilidades de movimentos através de imagens.

1 – Conversa sobre a aula passada, revisão dos fatores de movimento e significados.

- 2 – Experimentação guiada dos fatores: peso, aceleração e foco através de imagem que os exemplifique:
 - Pisar em insetos (peso forte)
 - Andar sem fazer barulho (peso leve)
 - Procurar alguém no meio da multidão (foco indireto)
 - Apontar para alguma coisa (foco direto)
 - Caminhar em câmera lenta (desacelerado)
 - Andar com pressa (acelerado)

3 – Dar exemplos de movimentações que remetam aos fatores.

Recreio

3 – Dançar conforme os fatores identificados para cada tipo de dança.

As alunas devem transformar os passos dados no tipo de dança escolhido conforme as qualidades percebidas na dança em questão.

4 – Criação de movimento através de uma imagem impressa.

Um gato caçando um rato, um robô e um astronauta.

Plano de aula: ASSOCIAÇÃO e TRABALHO COM IMAGENS

Objetivos: Relembrar o conteúdo aprendido nas aulas passadas. Identificar diferentes fatores em determinados movimentos desportivos. Discutir sobre as aulas anteriores e o conteúdo aprendido.

1 – Conversa sobre a aula passada, revisão dos fatores de movimento e significados.

- O que é dança?
- O que é preciso para dançar?

2 – Associação de fatores com fundamentos de esportes, lutas e jogos.

- Ataque do voleibol
- Drible do futebol
- Defesa do handebol
- Domínio de bola do futebol
- Levantamento do voleibol
- Perguntar por exemplos que elas possam dar.

3 – Em grupos, fazer associação dos fatores às imagens impressas.

Recreio

4 – Discussão sobre o conteúdo aprendido e sua presença no dia a dia das alunas.

5 – Momento de autoavaliação das alunas sobre a importância de ter aprendido sobre os fatores qualitativos de movimento de Laban.

- Onde você acredita que poderá usar esse conteúdo no futuro?
- Você acredita ter sido importante ter aprendido sobre os fatores qualitativos de movimento?
- Do que você gostou mais nessas últimas aulas? Do que gostou menos?

FICHA COM IMAGENS USADAS NA AVALIAÇÃO (IMAGENS RETIRADAS DA INTERNET)



LUTADOR DE CAPOEIRA CHUTANDO



GINASTA SE COM A FITA



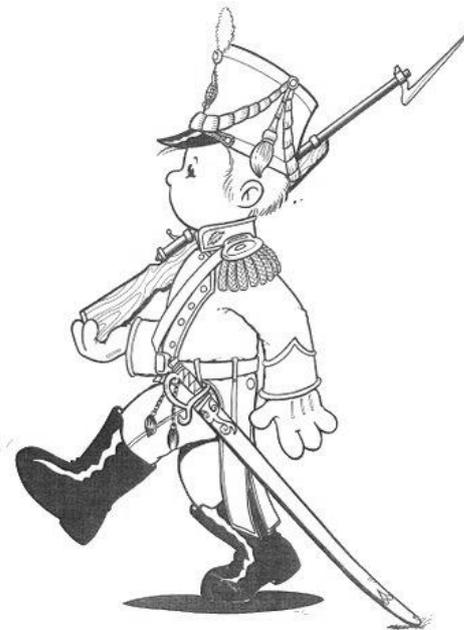
GATO CAMINHANDO



COBRANÇA DE PENALTI



MADRINHA DE BATERIA SAMBANDO



SOLDADO CAMINHANDO

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Parte II. Brasília, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias** (Ensino Médio). Brasília, MEC: SEF, 2012.

BRASILEIRO, Livia T. **Metodologia do ensino da Educação Física escolar: a dança como conteúdo de ensino**. Recife: UPE, 1993.

BRASILEIRO, Livia T. **O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica**. Revista Movimento, V. 8, n. 3, p. 5-18. Porto Alegre, 2002

COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS. **Projeto Político Pedagógico**. 2012.

COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS. **Regimento Escolar do Ensino Médio Politécnico**. 2014

COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS. **Plano de estudos. Área: Linguagens e suas tecnologias**. 2015

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2006.

FONSECA, Denise G; MACHADO, Roseli B. **Educação Física: (re)visitando a didática**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

GAYA, Adroaldo. **Ciências do movimento humano: Introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. RAE-Revista de Administração de Empresas v. 35, n. 3. São Paulo, 1995.

LABAN, Rudolf. **Modern Educational Dance**. 3ª ed. Plymouth: Northcote House, 1985.

LABAN, Rudolf; ULLMANN, Lisa (Org.). **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LADEIRA, Maria F. T, DARIDO, Suraya C. **Educação Física e Linguagem: Algumas Considerações Iniciais**. Motriz. Rio Claro, 2003.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. Campinas, 1997.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo, 2010.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

PARTSCH-BERGSOHN, Isa. **Modern Dance in Germany and the United States: crosscurrents and influences**. Chur, Suíça: Harwood Academic Publishers, 1994.

VALLE, Flavia Pilla do. **Análise do Movimento Corporal**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.